

**Trajectoria de Dona Ivone Lara:
entre a saúde mental e o samba -
uma análise da música Sorriso
Negro**

Dona Ivone Lara's Trajectory: Between Mental Health and Samba - An Analysis of the Song Sorriso Negro

La trayectoria de doña Ivone Lara: entre la salud mental y la samba - Un análisis de la canción Sorriso Negro

Priscila Lourenço Soares Santos¹

 [0000-0001-5346-9732](https://orcid.org/0000-0001-5346-9732)

Resumo: Este artigo investiga as notáveis contribuições de Dona Ivone Lara, uma figura negra cujo papel fundamental na área da saúde se entrelaça com a história vibrante do samba no Brasil. Além disso, busca-se enfatizar a relevância de Dona Ivone Lara para a análise da compreensão das problemáticas sociais no país, abordando questões de raça e gênero relacionadas à sua figura e ao seu papel na sociedade brasileira. Atuando como enfermeira, assistente social e especialista em terapia ocupacional a partir dos anos 1940, Dona Ivone Lara inovou nas práticas de cuidado para pessoas com transtornos mentais, incorporando a música como terapia e envolvendo ativamente a família e a comunidade nos processos de desinstitucionalização. A pesquisa concentra-se na análise da música *Sorriso Negro*, de Adilson Barbado e Jorge Portela, que se tornou uma celebração da negritude, inseparável da figura de Dona Ivone Lara. O estudo revela a interseção entre sua atuação na saúde e sua influência no cenário musical, destacando sua importância na história do samba e na resistência negra feminina.

Palavras-chave: Dona Ivone Lara. Samba. Saúde. História negra. Racismo.

Abstract: This article investigates the notable contributions of Dona Ivone Lara, a black figure whose fundamental role in healthcare is intertwined with the vibrant history of samba in Brazil. Furthermore, we seek to emphasize the relevance of Dona Ivone Lara for analyzing the understanding of social problems in the country, addressing issues of race and gender related to her figure and her role in Brazilian society. Working as a nurse, social worker and occupational therapy specialist from the 1940s onwards, Dona Ivone Lara innovated care practices for people with mental disorders, incorporating music as therapy and actively involving the family and the community in the deinstitutionalization processes. The research focuses on the analysis of the song "Sorriso Negro", by Adilson Barbado and Jorge Portela, which became a celebration of blackness, inseparable from the figure of Dona Ivone Lara. The study reveals the intersection between its role in health and its influence on the music scene, highlighting its importance in the history of samba and black female resistance.

Keywords: Dona Ivone Lara. Samba. Health. Black history. Racism.

Resumen: Este artículo investiga las notables contribuciones de Doña Ivone Lara, una figura negra cuyo papel fundamental en la atención médica se entrelaza con la vibrante historia de la samba en Brasil. Además, buscamos resaltar la relevancia de Doña Ivone Lara para analizar la comprensión de los problemas sociales del país, abordando cuestiones de raza y género relacionadas con su figura y su papel en la sociedad brasileña. Trabajando como enfermera, trabajadora social y especialista en terapia ocupacional desde la década de 1940 en adelante, Doña Ivone Lara innovó las prácticas de atención a personas con trastornos mentales, incorporando la música como terapia e involucrando activamente a la familia y la comunidad en los procesos de desinstitucionalización. La investigación se centra en el análisis de la canción "Sorriso Negro", de Adilson Barbado y Jorge Portela, que se convirtió en una celebración de la negritud, inseparable de la figura de doña Ivone Lara. El estudio revela la intersección entre su papel en la salud y su influencia en la escena musical, destacando su importancia en la historia de la samba y la resistencia femenina negra.

Palabras-clave: Doña Ivone Lara. Samba. Salud. Historia negra. Racismo.

¹ Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Santo Amaro - UNISA. Técnica Curricular em História vinculada a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – SEDUC-SP. *Lattes:* [5207099436401556](https://lattes.cnpq.br/5207099436401556) - *E-mail:* priscilalourenco@prof.educacao.sp.gov.br,



Introdução

Dona Ivone Lara, conhecida como a Rainha/Dama do Samba, destaca-se no cenário artístico brasileiro como cantora e compositora, sendo pioneira ao assinar um samba-enredo e integrar a ala de compositores no *Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano*. Sua influência e contribuição para o samba são inegáveis, consolidando-se como uma figura emblemática desde 13 de abril de 1922 até seu falecimento em 16 de abril de 2018.

Nascida em uma família com raízes musicais, Ivone enfrentou desafios desde a infância, perdendo precocemente seus pais e sendo criada pelos tios, que a introduziram ao universo do cavaquinho. Sua dedicação à música a levou a estudar canto com Lucília Guimarães Villa-Lobos, pianista formada no Instituto Nacional de Música (Burns, 2006). Importante destacar que este artigo busca explorar as problemáticas da sociedade brasileira, discutindo as questões raciais e de gênero. As discussões sobre representação social serão entrelaçadas com a perspectiva de representação como uma atividade discursiva, inserida em um contexto sócio-histórico e ideológico, envolvendo lutas por representatividade.

No cenário brasileiro, permeado por profundas desigualdades sociais e raciais, as mulheres negras enfrentam uma interseção complexa de discriminações, resultantes das estruturas de racismo, machismo e classe. Essas mulheres foram alvo de práticas discriminatórias que derivam não apenas de sua condição de gênero, mas também de sua identidade racial, situação econômica precária e da propagação persistente de estereótipos.

No âmbito do *Movimento Negro*, Lélia Gonzalez destacou a presença do sexismo, que frequentemente resultava em processos de silenciamento das mulheres negras. Segundo Lélia, "[...] os companheiros de movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tratam de excluir-nos dos espaços de decisão" (Gonzalez, 2018, p. 315). Esse alerta ressalta a necessidade de reconhecer e combater as formas de opressão de gênero dentro do próprio movimento, ampliando a discussão para além das questões raciais e englobando também as lutas feministas.

O 'esquecimento' da questão racial pode ser interpretada como um caso de racismo por omissão, que se origina de perspectiva eurocêntrica e neocolonialistas da realidade latino-americana. É importante notar que esta crítica se insere na perspectiva de Lélia sobre amefricanidade, onde o racismo que subordina índias e negras decorre de uma visão falaciosa de latinidade que legitima a inferiorização dos setores sociais cuja cultura e história não têm a Europa como referência. O conceito de latinidade é, portanto, uma forma de eurocentrismo que ao descartar, ou

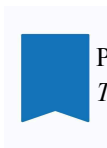


pelo menos subestimar, as dimensões índias e negras na construção das Américas, compromete a radicalidade do feminismo latino-americano (Bairros, 1999, p. 10).

Esse contexto evidencia a necessidade de uma abordagem interseccional nas lutas feministas, que reconheça as interconexões entre raça, gênero e classe social. Somente ao enfrentar de forma integral as múltiplas formas de opressão, é possível promover uma verdadeira inclusão e garantir que as vozes e demandas das mulheres negras sejam devidamente representadas e atendidas nos movimentos de luta por igualdade de gênero. O racismo e o machismo convergem para criar um panorama em que a mulher negra é submetida a estereótipos prejudiciais e limitadores, propagados no tecido social. Esses estereótipos englobam representações que permeiam a concepção da mulher negra como alguém habilidosa na esfera sexual, exímia cozinheira e destinada a realizar trabalhos domésticos. Essas narrativas contribuem para a desqualificação e marginalização das mulheres negras, alimentando uma visão distorcida de suas capacidades e potenciais (Carneiro, 2011; Ribeiro, 2018).

Ribeiro, filósofa negra contemporânea, destaca a importância de compreender as experiências únicas vivenciadas por mulheres negras, enfatizando que sua localização social influencia significativamente a forma como elas percebem e experienciam questões de gênero (Ribeiro, 2017, p. 61). Além disso, a propagação de estereótipos persiste, relegando a mulher negra a papéis estigmatizados, como a "gostosa do samba" ou a figura associada a trabalhos subalternos, como a empregada doméstica. Similarmente, o homem negro é muitas vezes retratado como o malandro ou ladrão, solidificando uma narrativa que contribui para a marginalização social (Ribeiro, 2018, p. 49).

De fato, foi nesse período que diversos sambistas conquistaram posições de destaque no cenário musical. A diversidade de origens era notável, abrangendo desde artistas provenientes de festivais, como Beth Carvalho, Paulinho da Viola e Martinho da Vila, que se consolidaram como figuras nacionais de prestígio, desfrutando de reconhecimento nos meios de comunicação e alcançando expressivas vendas de discos. Outros, como os lendários fundadores das escolas de samba, já participavam ativamente em rodas e casas noturnas. Nomes como Cartola, Zé Ketti, Nelson Cavaquinho, a Velha Guarda da Portela, Dona Ivone Lara, Wilson Moreira, Nei Lopes, entre muitos outros, contribuíram significativamente para a riqueza e diversidade do cenário musical. Além disso, artistas como Clara Nunes e Alcione também se destacaram, conseguindo posições privilegiadas nesse contexto, representando o



samba na indústria fonográfica. Esses artistas não apenas consolidaram suas carreiras, mas também contribuíram para a afirmação do samba como parte integrante e influente da cena musical brasileira (Napolitano, 2005; Trotta, 2006).

Nesse contexto de desafios e estigmatização, a sambista Ivone Lara emerge como uma figura notável, desafiando as limitações impostas pelos estereótipos e contribuindo para a redefinição das narrativas sobre a mulher negra na sociedade brasileira. Sua trajetória artística e social representa uma resistência ativa contra as amarras do preconceito e a negação de oportunidades, destacando-se como uma voz poderosa que transcende estigmas históricos.

A análise da música *Sorriso Negro* (1981) por Mila Burns (2009) contextualiza a obra no desenvolvimento dos movimentos negros e das ideias feministas, destacando a resistência de Dona Ivone Lara. Burns argumenta que, mesmo sem adotar formalmente um ativismo, a sambista tensionou uma sociedade marcada pela exclusão e extermínio, evidenciando uma resistência pela existência. Esta pesquisa busca compreender a trajetória de Dona Ivone Lara não como a de uma vítima, mas como a de uma mulher que, em busca de estabilidade e autonomia, moldou sua própria narrativa, dedicando-se à enfermagem, assistência social e, posteriormente, à música. Aqui, retomamos o objetivo do artigo como elemento de ligação para o próximo tópico, visando fornecer uma estrutura coesa e definida para o trabalho. O foco central deste estudo reside na análise das contribuições de Dona Ivone Lara para a sociedade brasileira, sobretudo em relação às questões raciais e de gênero, e sua influência no desenvolvimento tanto da música quanto da luta por direitos e reconhecimento da comunidade negra.

Fragmentos da vida Ivone Lara

Dona Ivone Lara adotou diversos nomes ao longo de sua vida. Inicialmente conhecida como Yvonne da Silva Lara, passou a assinar Yvonne Lara da Costa após o casamento. No âmbito musical, destacou-se como Dona Ivone Lara, a Dama do Samba, e posteriormente foi aclamada como Rainha do Samba segundo Scheffer (2016), Burns (2006) e Santos (2005). Assim, neste artigo, optamos por utilizar o nome Yvonne Lara, buscando uniformidade, uma vez que nos aprofundamos em sua trajetória como profissional de saúde, especialmente na área da saúde pública. Segundo Burns (2009) um ponto importante sempre é ressaltar que Yvonne valorizava a separação entre a vida que construiu como profissional da saúde e o



universo da música, mesmo diante da evidente interseção entre esses domínios. Neste artigo, concentrarei minha análise em Dona Ivone Lara, destacando sua contribuição para o samba e explorando aspectos de sua vida ligados à saúde pública. Reconheço a complexidade de sua atuação multifacetada como mulher negra em uma sociedade machista da época.

Segundo Burns (2009) Ivone da Silva Lara, nascida no Rio de Janeiro, teve sua chegada ao mundo marcada por uma atmosfera familiar e tradicional, ocorrendo em casa com a assistência de uma parteira. Ela foi a primeira filha resultante da união entre Emerentina Bento da Silva e José da Silva Lara. A história de Ivone começou a se desenhar em um ambiente onde a presença da mãe e as primeiras experiências familiares moldaram os primeiros anos de sua vida.

Infelizmente, a convivência com seu pai foi breve, estendendo-se apenas até os três anos de idade. Essa fase inicial da infância de Ivone foi marcada por desafios e adaptações diante da ausência paterna. Aos doze anos, ela enfrentou outra perda significativa ao se despedir prematuramente de sua mãe, Emerentina Bento da Silva. O luto precoce e as responsabilidades que surgiram com a ausência materna moldaram sua jornada, lançando as bases para uma trajetória marcada por resiliência e determinação.

Essas experiências familiares, marcadas por encontros e despedidas, proporcionaram a Ivone Lara uma perspectiva única, moldando não apenas sua identidade, mas também influenciando a forma como ela encarava os desafios futuros. A riqueza e complexidade dessas primeiras vivências familiares contribuíram para a construção da personalidade forte e resiliente que caracterizaria a mulher que viria a ser reconhecida como Dona Ivone Lara.

Yvonne narrou o grande peso de ser uma menina de apenas 12 anos, negra e órfã de pai e mãe. 'Isso cobrava de mim mais do que as garotas dessa idade costumam ser capazes de oferecer'. No mesmo ano em que perdeu a mãe, ela viu ser aprovada a Constituição Federal que dava às mulheres direito ao voto e as igualava aos homens em termos de direitos trabalhistas. Era um momento de efervescência no país, em que elas começavam a deixar a posição de subalternas para cobrar reconhecimento e igualdade (Burns, 2006, p. 39).

Após concluir seus estudos no colégio, Ivone Lara enfrentou um período desafiador de transição ao mudar-se para a residência de sua tia materna, Maria, que assumiu a responsabilidade pelas crianças após o trágico falecimento da irmã de Ivone. Nesse novo ambiente, marcado por despesas já elevadas, seu tio sugeriu que ela buscasse emprego para contribuir financeiramente (Burns, 2006). No Rio de Janeiro, em um contexto social marcado pela desigualdade racial e de gênero. Naquele período, as mulheres, especialmente as negras



e de classe social baixa, enfrentaram severas restrições no mercado de trabalho. As opções de carreira se limitavam a áreas como secretariado, enfermagem, professorado e serviços domésticos.

Mesmo diante de tais obstáculos, Ivone demonstrava desde cedo uma personalidade resiliente e ambiciosa. Recusando-se a seguir o destino traçado pelas expectativas sociais, buscou alternativas para construir seu próprio caminho. Demonstrando uma notável resistência em seguir o destino previsível que cercava as pessoas ao seu redor, Ivone aspirava a objetivos mais elevados para sua vida, recusando-se a aceitar uma ocupação como operária. Foi nesse contexto que ela, em determinado dia, deparou-se com um anúncio no jornal que anunciava a abertura de vagas na renomada *Escola de Enfermagem Alfredo Pinto*. Sua decisão de prestar o exame para ingresso nessa instituição foi motivada pelo fato de ser a única oportunidade viável para cursar uma formação de maneira gratuita e representava uma perspectiva de mudança em sua realidade socioeconômica (Scheffer, 2016).

Para alcançar seu sonho de ingressar na faculdade de enfermagem, Ivone firmou um acordo com seu tio: caso não fosse aprovada no vestibular, buscaria qualquer outro emprego disponível. Sua determinação e esforço foram recompensados com um resultado notável: ela conquistou uma das 10 primeiras colocações no exame, o que lhe rendeu uma bolsa de estudos. Generosamente, Ivone repassava essa bolsa para sua tia, ajudando a aliviar as despesas familiares. É importante destacar que, na época, o curso de enfermagem passava por uma reformulação curricular, incorporando novas diretrizes para a formação profissional e especialização, principalmente em instituições psiquiátricas (Burns, 2006). Essa fase da vida de Ivone não apenas ilustra sua perseverança, mas também demonstra como suas escolhas estratégicas moldaram sua trajetória profissional e pessoal.

Em relação ao samba, Dona Ivone Lara sempre se posicionou contra a ideia de que as mulheres não deveriam se envolver com esse ritmo musical. Ela defendia a igualdade de gênero e o direito das mulheres de expressarem sua cultura e talento através da arte. Ela revelou:

Quem me criou achava que eu não devia me meter no samba, mas, sim, seguir meus estudos. No entanto, como eu tinha paixão por compor versos, eu os compartilhava com meu primo, o Mestre Fuleiro, que os apresentava aos sambistas como se fossem de sua autoria. Nesse período, eu sequer frequentava escola de samba (Macedo, 2007, p. 85).



Em suas próprias palavras, ela revela as barreiras enfrentadas em sua jornada, incluindo a falta de reconhecimento de sua autoria pelas composições que compartilhava com seu primo. No entanto, seu talento e paixão pela música transcenderam essas adversidades, tornando-a uma das mais importantes compositoras e intérpretes do samba brasileiro. Ao conectar essa narrativa à sua atuação na enfermagem, é possível enxergar paralelos entre sua luta pela igualdade de gênero no mundo da música e sua dedicação em oferecer cuidados e assistência na área da saúde, desafiando estereótipos de gênero e contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e justa.

Caminhos da profissional na enfermagem

Ivone Lara desempenhou papéis significativos como enfermeira, assistente social e especialista em terapia ocupacional (Scheffer, 2016). Na década de 1950, a terapia ocupacional ainda não era uma profissão de nível técnico ou superior no Brasil, tornando-se institucionalizada posteriormente. Nesse contexto, terapia ocupacional, também conhecida como praxiterapia e terapêutica ocupacional, envolvia práticas terapêuticas baseadas na ocupação (Soares, 1991). A especialização de Ivone ocorreu nos anos 1940, quando concluiu o *Curso Elementar de Terapêutica Ocupacional* oferecido por Nise da Silveira, responsável pela formação de auxiliares de praxiterapia² (Silva, 2011; Paranhos, 2018).

Segundo Barbosa *et al* (2023) em sua análise de documentos que delineiam a trajetória de Ivone revela sua notável habilidade em integrar a música às suas práticas como enfermeira, especialmente no auxílio a pacientes enfrentando transtornos mentais. A música tornava-se um conforto reparador durante as numerosas celebrações que ela organizava em seu ambiente de trabalho, participando ativamente ao cantar e dançar com os pacientes. Esses momentos não apenas transformavam uma rotina, por vezes exaustiva, em encontros de alegria e felicidade, mas também evidenciam a singularidade de sua abordagem terapêutica Barbosa *et al* (2023). Temos um exemplo destes dias especiais segundo Burns:

Nesses dias especiais, a gente organizava alguns internos que queriam se apresentar, dançar, cantar, e eram essas as atividades mais estimuladas pelo método da doutora Nise, que começava a ser posto em prática. Então a gente passava o dia inteiro com eles. Tinha um doente, por exemplo, que se chamava

² Auxiliares de Praxiterapia são profissionais dedicados que atuam como pilares fundamentais na jornada de cura e transformação dos pacientes. Através de seu trabalho abnegado e compassivo, eles auxiliam os Praxiterapistas na aplicação de técnicas específicas, criando um ambiente acolhedor e seguro para o processo terapêutico.



Ribamar e pertenceu à Orquestra Tabajara. Outro tinha o apelido de Xerife, e tocava piano muito bem. Às vezes a gente ficava horas ouvindo (Burns, 2006, p. 58)

A imersão na narrativa de Ivone Lara se propõe a quebrar a sistemática invisibilização das contribuições fundamentais do povo negro. Trouillot (1995), em *Silêncio no passado*, discute como as relações de poder mediam a produção de conhecimento histórico, destacando como os intelectuais europeus, ontologicamente, relegam às pessoas negras um lugar de incapacidade na criação de obras de valor. Munanga (2015) reforça que a história da África foi negada na historiografia colonial, e a história do negro no Brasil foi falsificada e negada, contada do ponto de vista do outro e de seus interesses. Diante disso, a história de grupos sociais subalternos é frequentemente apresentada de forma degradada e episódica, ressaltando a importância de identificar e aprofundar-se nessas histórias invisibilizadas das narrativas oficiais (Gramsci, 2002).

Contar a história das mulheres negras e da cultura afrodescendente é essencial para promover a valorização e reconhecimento de suas contribuições, muitas vezes negligenciadas. No contexto brasileiro, o samba, como expressão cultural marcante, emerge como um veículo poderoso para narrar essas histórias e desempenhar um papel crucial na implementação da Lei nº. 10.639/2003 e 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas.

A trajetória das mulheres negras na formação e evolução do samba é rica em resistência, criatividade e superação de adversidades. Ao destacar suas histórias, proporcionamos uma visão mais completa e precisa da construção social e cultural do Brasil. A presença das mulheres negras no cenário do samba, como exemplificado por figuras notáveis como Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra, Leci Brandão e Alcione, contribui para desafiar estereótipos e romper com narrativas historicamente marginalizadas. Além disso, ao incorporar o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, a Lei nº. 10.639/2003 e 11.645/2008 busca promover uma educação antirracista, que valorize a diversidade étnica e cultural do país. O samba, como elemento representativo dessa cultura, oferece uma oportunidade única para sensibilizar o público em geral sobre a riqueza da herança afrodescendente e promover a tolerância e o respeito.

O presente texto visa contribuir para o debate sobre a educação antirracista no Brasil, com foco no papel do samba como ferramenta de transformação educacional. Para além da mera referência à Lei nº. 10.639/03, que instituiu o ensino da história e cultura afro-brasileira



nas escolas, o texto busca analisar os desafios e as perspectivas para a implementação de uma educação antirracista efetiva, que reconheça e valorize a diversidade cultural do país.

Embora a Lei nº. 10.639/03 represente um marco importante, sua implementação ainda enfrenta diversos desafios. A superficialidade com que a temática é abordada em muitos currículos, a falta de formação adequada para os professores e a persistência de estereótipos e visões distorcidas da história afro-brasileira são alguns dos principais obstáculos a serem superados. Nesse contexto, o samba surge como uma ferramenta poderosa de transformação educacional. Mais do que um ritmo musical, o samba é uma expressão cultural rica e complexa que carrega em si a história, a identidade e a resistência do povo negro brasileiro. Através do samba, podemos abordar temas como a escravidão, o racismo estrutural, a desigualdade social e a luta por direitos, promovendo a reflexão crítica e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A reflexão de Fátima Lima (2002) em seu artigo *O samba não se aprende na escola* é fundamental para entendermos a invisibilidade das artes afro-brasileiras nas instituições educacionais. Lima destaca como o samba, assim como outras expressões culturais afro-brasileiras, é frequentemente negligenciado no ambiente escolar, perpetuando estereótipos e invisibilizando a contribuição negra para a cultura brasileira.

As *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais* e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas oferecem um guia fundamental para a implementação de uma educação antirracista. As diretrizes fornecem subsídios teóricos e práticos para a construção de um currículo multicultural, que valorize a diversidade e combata o racismo estrutural. É importante salientar que a Lei nº 10.639/03 foi modificada pela Lei 11.645/08, que ampliou o escopo da legislação ao incluir o ensino da história e cultura indígena no currículo escolar. Essa ampliação demonstra o reconhecimento da importância da diversidade étnico-racial na educação brasileira e reforça a necessidade de um currículo plural que abarque diferentes culturas e perspectivas.

O debate sobre educação antirracista no Brasil ainda está em curso, mas é evidente que o samba pode ser um importante aliado na luta pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Através da valorização dessa expressão cultural afro-brasileira, podemos promover a reflexão crítica sobre o racismo estrutural, a diversidade cultural e a construção de uma educação antirracista efetiva. Ao integrar o samba e as contribuições das mulheres



negras nos currículos escolares e em iniciativas culturais, estamos construindo pontes para a compreensão mútua e a celebração da diversidade. Dessa forma, podemos avançar na construção de uma sociedade mais inclusiva, consciente de suas raízes e comprometida com a promoção da igualdade racial e social.

A sambista e a música *Sorriso Negro*

No final da década de 1940, Yvonne mudou-se para Madureira, enfrentando desafios significativos. Muitas de suas composições, nesse período, eram assinadas por seu primo, Mestre Fuleiro, devido ao preconceito arraigado contra mulheres no cenário do samba. Outra abordagem que amplia a discussão sobre essa dicotomia foi apresentada por Ribeiro (2017), ao introduzir o pensamento de Grada Kilomba propôs uma ressignificação do conceito de Outro, inicialmente estabelecido por Simone de Beauvoir. Enquanto, para a feminista francesa, a mulher é considerada o Outro em relação ao homem, para Kilomba, a mulher negra seria o Outro do Outro, uma vez que não se enquadra nem na categoria branca nem na categoria masculina (Ribeiro, 2017).

Entretanto, sua persistência e talento não passaram despercebidos. As férias de Dona Ivone Lara no trabalho de enfermagem eram sempre estrategicamente programadas em torno do carnaval, uma época propícia para a sambista aproveitar os desfiles e imergir no vibrante universo do samba. Ao iniciar sua jornada na *Escola de Samba Prazer da Serrinha*, Dona Ivone começou a compor e, aos poucos, consolidou-se como uma figura essencial no cenário musical. Aos 25 anos, uniu-se a Oscar Costa, filho do presidente da *Serrinha*, Alfredo Costa, formando uma família com dois filhos, Alfredo e Odir (Burns, 2006).

Após o encerramento da *Prazer da Serrinha*, Dona Ivone encontrou espaço na *Império Serrano*, fundada em 1947 por seu primo. Inicialmente restrita a homens, ela desafiou as convenções ao integrar a ala dos compositores e tornar-se a primeira mulher a destacar-se nacionalmente nessa posição. Embora não tenha sido a primeira mulher a compor sambas, seu impacto foi inegável, abrindo caminho para futuras gerações.

Durante esse período, Dona Ivone forjou parcerias valiosas, destacando-se as colaborações com Mano Décio da Viola e Silas de Oliveira. Em 1965, alcançou proeminência com *Os Cinco Bailes da História do Rio*, samba-enredo da Império, coassinado por Bacalhau e Silas de Oliveira. Esse marco consolidou ainda mais sua posição como uma das principais



compositoras do cenário do samba, deixando um legado duradouro na história musical brasileira.

[...] a persona Dona Ivone Lara – e aqui pensando junto àqueles recortes que já discutimos que atravessam este corpo –, é resultado de uma tripla inversão: ela inverte não apenas a lógica patriarcal, mas também a lógica racista e a lógica que constrói os estereótipos a respeito da figura da mulher negra dentro do samba, porque ela não é a tia, tampouco a passista. Dona Ivone Lara é a mulher negra que escreve e canta o amor em samba. Ela estraçalha toda uma sociedade arraigadamente racista, classista e machista ao ocupar um lugar nunca idealizado para ela; versificou toda a sua subjetividade, reivindicando um direito que se estende à todas as mulheres negras (Silva, 2022, p. 322).

O fragmento destaca a persona de Dona Ivone Lara como uma figura que desafia e inverte diversas lógicas sociais presentes na sociedade brasileira. A análise aponta para três principais inversões realizadas por Dona Ivone Lara: desafia não apenas a lógica patriarcal, mas também a lógica racista e a construção de estereótipos relacionados à figura da mulher negra no contexto do samba. Além disso, é relevante considerar o conceito de "racismo genderizado", conforme proposto por Grada Kilomba (2019), para ampliar a discussão e enriquecer a compreensão das dinâmicas sociais abordadas por Silva (2022). Isso permite uma visão mais abrangente e aprofundada das questões de gênero e raça que permeiam a obra e a atuação de Dona Ivone Lara.

Com papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres negras no samba, como o papel de tia ou passista, Dona Ivone Lara se destaca como uma mulher negra que não apenas escreve, mas também canta sobre o amor no samba. Essa subversão de expectativas e ocupação de um espaço não idealizado para ela representa uma forma de resistência e reivindicação de direitos, estendendo-se a todas as mulheres negras. A análise ressalta o impacto de Dona Ivone Lara ao estranhar as normas de uma sociedade profundamente marcada pelo racismo, classismo e machismo. Sua atuação transcende as fronteiras impostas, proporcionando uma expressão autêntica de sua subjetividade e reforçando a importância da representatividade no campo artístico e cultural. Essa abordagem contribui para uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e suas limitações, destacando o papel transformador da arte na quebra de paradigmas.

O samba, como expressão artística profundamente enraizada na cultura brasileira, transcende suas melodias vibrantes e ritmos envolventes para se tornar uma narrativa rica em vivências, medos, alegrias e anseios, especialmente nas periferias urbanas. A música transcende o mero reflexo das condições sociais, assumindo o papel de poderosa voz de



resistência para as comunidades marginalizadas. Muniz Sodré (1983), em *Samba: o dono do corpo*, revela como a música, especialmente o samba, guarda a memória e os signos culturais afro-brasileiros. Essa perspectiva enriquece a discussão sobre a importância de reafirmar e reatualizar os valores civilizatórios afro-brasileiros na contemporaneidade. A obra de Sodré convida-nos a celebrar a riqueza da cultura afro-brasileira e a reconhecer a música como instrumento de luta por uma sociedade mais justa e inclusiva. Através da valorização da matriz africana e da reafirmação dos valores afro-brasileiros.

A música *Sorriso Negro*, composta por Adilson Barbado e Jorge Portela, é um verdadeiro clássico do cancioneiro brasileiro, imortalizado na voz marcante de Dona Ivone Lara. Esta obra-prima, gerada pela colaboração desses renomados artistas, foi destinada a eternizar um dos maiores hinos da música negra e brasileira. Ao me deixar envolver por essa canção, especialmente quando ecoa em rodas de samba por todo o Brasil, percebo algo extraordinário. Observamos a comunidade negra entoando as letras que emergem de suas próprias vivências. Nesse cenário épico, onde a repetição não é mera redundância, mas um renascimento da magia intrínseca à história contada em primeira pessoa, ouço algo que transcende as afirmações e os níveis de consciência sobre a inescapável negritude, poetizada por uma das grandes figuras culturais, Dona Ivone Lara. Arrisco interpretar essa experiência como vanguarda.

Sendo assim emergindo como um poderoso testemunho das experiências e sentimentos dessas populações à margem. A escolha desta música para análise neste artigo parte da compreensão de que as criações artísticas, especialmente as músicas, desempenham um papel vital na construção de referências diárias para comunidades marginalizadas. Ao abordar a análise de *Sorriso Negro*, buscamos desvendar os significados profundos e as nuances contidas nessa composição, reconhecendo-a não apenas como uma manifestação artística, mas como uma fonte histórica que oferece valiosos nuances sobre a vida nas periferias e as lutas enfrentadas por esses grupos.

Este estudo se alinha com a perspectiva de Braz (2013), que destaca a música como uma poderosa ferramenta que espelha a realidade cotidiana das populações marginalizadas. Essa visão se enriquece ao se contextualizar o conceito presente em *escrevivência*, proposto por Conceição Evaristo (2020). Ela representa a experiência de vida dos sujeitos negros, suas narrativas e vivências transmutadas em textos literários, uma forma de resistência e afirmação



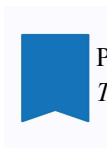
identitária. Ao analisar a obra de Dona Ivone Lara e sua contribuição para o samba brasileiro, estamos também mergulhando na *escrevivência*. A obra de Dona Ivone, como em canções como *Sonho Meu* e *Alguém me Disse*, narra as lutas e conquistas da população negra, perpetuando memórias, cultura e identidade. Essa interseção entre música, realidade social e narrativa de vida evidencia a importância de compreendermos a arte não apenas como entretenimento, mas como uma poderosa forma de expressão e resistência das vozes marginalizadas.

Assim ela foi alçada com a "Dama do Samba", atribuída à ilustre Dona Ivone Lara, transcende a mera referência à sua maestria musical. Ela se configura como uma homenagem que encapsula a grandiosidade de sua figura central no universo do samba brasileiro. Mais do que uma simples designação, este título reconhece a elegância, o talento e a postura singular que a distinguiram como uma autêntica embaixadora do gênero.

Dona Ivone não apenas brilhou nos palcos com sua arte incomparável, mas também desafiou as barreiras de gênero e raça em uma indústria musical historicamente dominada por homens. Sua contribuição vai além das notas e melodias, incorporando uma resistência intrínseca e uma inspiração duradoura para mulheres negras em todo o país. A "Dama do Samba" não apenas eterniza o legado de Dona Ivone Lara, mas também celebra sua importância como um ícone cultural que transcende o tempo e as fronteiras. Sua trajetória inspiradora e seu talento ímpar a colocam como um marco indelével na história da música brasileira, abrindo caminho para novas gerações de artistas e perpetuando sua memória como um símbolo de força, elegância e resistência.

A análise de composições musicais, nesse sentido, torna-se uma ferramenta poderosa para o entendimento das condições sociais, proporcionando uma visão mais profunda das rotinas e desafios enfrentados pelos grupos mencionados nas letras. Segundo Braz:

[...] a particularidade da criação artística, e o samba como uma de suas formas, como uma modalidade de práxis pela qual os homens buscam modificar as relações sociais que se dão entre si próprios, objetivando se em produtos específicos, característicos, característicos da atividade artístico-cultural. E é isso o que caracteriza essa modalidade de práxis: seu produto, diferentemente daqueles que resultam da atividade produtiva realizada pelo trabalho, é o que se volta para as relações sociais, interferindo e influenciando, conscientemente ou não, no comportamento dos próprios homens. Numa palavra: os produtos originados pela práxis cultural (e a atividade de criação artística é uma de suas formas privilegiadas) desencadeiam, sempre e simultaneamente, processos de subjetivação e de objetivação historicamente determinados (Braz, 2013, p. 76-77).



Ao imergir na análise da música, nosso propósito vai além de simplesmente desvendar a beleza melódica; almejamos desbravar as camadas de significado que contribuem para o legado marcante de Dona Ivone Lara. Não se restringindo a ser apenas um ícone do samba, ela se destacou como uma voz pioneira na promoção da identidade negra e na resistência cultural.

A década de 1980 marcou um período de efervescência social e política no Brasil, caracterizado pela intensa luta pela redemocratização e pela emergência de diversos movimentos sociais, com destaque para o movimento negro. Esse contexto histórico influenciou profundamente a obra de Dona Ivone Lara, que, por meio de sua música, não apenas expressou as contradições e desafios da época, mas também celebrou a rica cultura afro-brasileira e resistiu ao arraigado racismo estrutural.

O contexto histórico da década de 1980 foi crucial para a produção da música *Sorriso Negro*. Nesse período, o movimento negro brasileiro consolidava-se como um importante agente político e social, lutando incansavelmente por igualdade racial em diversas esferas da sociedade. Ao mesmo tempo, a redemocratização do país gerava expectativas de mudança e de justiça social. A obra de Dona Ivone Lara, especialmente a partir da década de 1980, reflete de maneira ímpar o ambiente social e político da época. Além de *Sorriso Negro*, outras composições como *Alguém Me Disse*, *Exaltação à Mangueira* e *Tiêta* abordam temas como a luta contra o racismo, a valorização da cultura afro-brasileira e a esperança por um futuro mais justo e igualitário. Por meio de sua música, Dona Ivone Lara tornou-se uma voz emblemática do movimento negro, contribuindo de forma significativa para a construção de uma sociedade mais plural e democrática.

Durante os anos 1980, testemunhamos um aumento significativo na visibilidade das carreiras de artistas como Alcione, Leci Brandão, Jovelina Pérola Negra e Dona Ivone Lara. Estas mulheres não apenas se destacaram no cenário musical, mas também deram voz aos anseios e experiências da mulher negra em um ambiente cultural que historicamente não lhes concedeu o papel de protagonistas segundo Freitas:

Se o samba é uma tecnologia social que critica e subverte a lógica dominante, como no caso de humanizar o homem negro, o gênero também é capaz de reforçar lugares sociais, afirma Maitê Freitas: ‘As relações dentro do samba acabam sendo contaminadas e reproduzem essas estruturas machistas, racistas, ali nas relações interpessoais’ (Freitas, 2019, p.04).



A multifacetada trajetória de Dona Ivone Lara serve como um ponto focal neste artigo, que busca proporcionar uma compreensão mais abrangente do papel das mulheres negras na construção da cultura brasileira. É inegável a importância de problematizar e debater a questão da autoria das composições de Dona Ivone Lara, muitas das quais foram erroneamente atribuídas a seu primo, Délcio Carvalho. Essa recorrência, que se repete com outras sambistas, evidencia uma manifestação do machismo presente no universo do samba, onde a voz e a criatividade das mulheres são frequentemente silenciadas e ignoradas.

Nossa análise crítica da música *Sorriso Negro* (1981) visa evidenciar como a artista transcendeu as expectativas sociais, moldando uma narrativa que ressoa não apenas na história do samba, mas também na luta contra o racismo no Brasil. Ao explorar a fundo a letra de *Sorriso Negro*, buscamos lançar luz sobre as realidades periféricas no contexto brasileiro. A canção não apenas oferece uma expressão artística sublime, mas também serve como um meio de compreendermos mais amplamente as nuances das experiências vividas por comunidades marginalizadas. Dessa forma, ao desvendar as camadas dessa composição, almejamos enriquecer a compreensão do leitor sobre a riqueza cultural, as lutas e as conquistas presentes na narrativa de Dona Ivone Lara, especialmente no contexto da letra de *Sorriso Negro* (1981):

Negro é a raiz da liberdade
Negro é a raiz da liberdade
Sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
E negro é a raiz da liberdade
Um sorriso negro
Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
E negro é a raiz da liberdade
Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
Negro é a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino, é amor
Negro também é saudade
Um sorriso negro
Um sorriso negro



Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
Um sorriso negro
Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
E negro é a raiz da liberdade
Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
Negro é a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino, é amor
Negro também é saudade
Um sorriso negro
Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
Um sorriso negro
Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
Negro é a raiz da liberdade
Negro é a raiz da liberdade

A composição eternizada por Dona Ivone Lara, emerge como uma peça musical que transcende o simples entretenimento, incorporando elementos históricos e sociais intrínsecos à trajetória do povo negro no Brasil. A riqueza poética da letra reflete e critica as complexas realidades enfrentadas pela comunidade afro-descendente ao longo da história do país. A repetição da frase "Negro é a raiz da liberdade", presente no livro *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978) de Abdias do Nascimento, ressoa como um lembrete constante da fundamental contribuição do povo negro para a construção da identidade brasileira. Essa afirmação ecoa como um chamado à consciência coletiva sobre a importância histórica e cultural dos negros no Brasil. Todavia, esse reconhecimento contrasta dolorosamente com a realidade de discriminação sistêmica e falta de oportunidades enfrentadas pela população negra, evidenciada por Nascimento na figura do "Negro sem emprego". Essa dualidade não



apenas aponta para as contradições da sociedade brasileira, mas também revela como o Estado brasileiro, através de políticas públicas e práticas institucionais discriminatórias, perpetuou um verdadeiro genocídio contra a população negra, como argumenta Nascimento em sua obra. Essa realidade cruel resulta na marginalização e exclusão dessa parcela significativa da sociedade, impedindo o Brasil de alcançar seu pleno potencial. Ao abordar o "Negro sem emprego" que "fica sem sossego," a letra toca na ferida da desigualdade social, evidenciando as dificuldades enfrentadas pela comunidade negra no acesso ao mercado de trabalho e, conseqüentemente, à estabilidade financeira. Essa abordagem direta e crítica destaca a necessidade de reflexão sobre as estruturas sociais que perpetuam tais disparidades.

O verso "Negro é uma cor de respeito" destaca a importância do respeito à identidade e à cultura negras, reconhecendo que o negro é mais do que uma cor, é uma fonte de inspiração e uma voz que carrega consigo a verdade e a memória histórica. A menção ao negro que "já foi escravo" reforça a ideia de resiliência, resistência e superação.

A alusão ao "Negro que já foi escravo" também é um lembrete contundente da herança histórica da escravidão e das marcas persistentes dessa época, apontando para a voz do negro como um instrumento de reivindicação da verdade e da necessidade de reconhecimento das injustiças passadas.

Em síntese, não é apenas uma melodia envolvente, mas uma obra-prima que, por meio de sua poesia profunda e reflexiva, lança luz sobre as lutas, conquistas e desafios enfrentados pela comunidade negra no Brasil. A letra ressalta a importância de utilizar a música como um veículo para a compreensão histórica e social, contribuindo para a construção de uma narrativa mais inclusiva e consciente.

Considerações finais

Ao percorrer as intrincadas camadas da vida e obra de Dona Ivone Lara, concluímos esta jornada imersos nas diversas dimensões de uma mulher extraordinária. Para além de sua influência marcante no cenário musical brasileiro, Dona Ivone desempenhou papéis cruciais na área da saúde, consolidando-se como enfermeira, assistente social e especialista em terapia ocupacional. Seu legado, intrinsecamente entrelaçado com a história do samba, ressoa como uma sinfonia única na trama cultural do Brasil.



A inovação de Dona Ivone ao incorporar a música como ferramenta terapêutica para transtornos mentais evidencia não apenas sua maestria profissional, mas também seu compromisso com a humanização dos cuidados de saúde. Ao introduzir a música nas instituições de saúde, não apenas transformou a rotina dos pacientes, mas também apresentou uma abordagem terapêutica audaciosa, revelando sua visão pioneira.

A análise da música *Sorriso Negro*, de Dona Ivone Lara, revela como a artista transcendeu as barreiras sociais e construiu uma narrativa que ultrapassa os limites do samba para abraçar a resistência contra o racismo no Brasil. As letras da canção, elaboradas por Adilson Barbado e Jorge Portela, tornam-se um espelho das realidades periféricas, proporcionando *insights* valiosos sobre as experiências de comunidades marginalizadas. Ao subverter as expectativas sociais e desafiar estereótipos raciais e de gênero, Dona Ivone Lara emerge como uma figura de vanguarda. Mais do que ser apenas uma mulher negra no samba, ela é a voz que canta e escreve sobre o amor, reivindicando direitos e desafiando as amarras de uma sociedade marcada por racismo, classismo e machismo. A escolha de *Sorriso Negro* como foco deste estudo não se limita à apreciação de uma obra musical, mas representa uma tentativa de desvendar os significados profundos que a transformam em uma fonte histórica, um símbolo de resistência e empoderamento da população negra.

Ao encerrar esta análise dedicada à vida e obra de Dona Ivone Lara, reconhecemos não apenas sua contribuição excepcional para a área da saúde e o cenário musical, mas também seu papel como uma representante valiosa da resistência negra feminina. Seu legado é um testemunho da capacidade transformadora da arte e da cultura em nossa sociedade. Ao incorporar a música em métodos terapêuticos, ela não apenas ofereceu alívio aos pacientes, mas provocou uma reflexão profunda sobre a interconexão entre expressão artística e saúde mental.

Este estudo destaca a importância de reconhecer e celebrar as contribuições de mulheres negras como Dona Ivone Lara, que não apenas moldaram o cenário musical, mas também influenciaram positivamente as práticas de cuidado em saúde mental. Ao desvendar as camadas de *Sorriso Negro*, buscamos homenagear não apenas a artista, mas todas as mulheres negras que, como ela, desafiaram estereótipos, resistiram às adversidades e deixaram um legado duradouro para as gerações futuras.



Assim, ao fechar esta análise, reconhecemos que Dona Ivone Lara não apenas quebrou barreiras em sua época, mas continua a inspirar aqueles que buscam compreender a profunda interconexão entre arte, saúde e resistência cultural. Que sua trajetória seja um farol, iluminando o caminho para uma apreciação mais completa e inclusiva da riqueza da herança afro-brasileira e da inestimável contribuição das mulheres negras em todas as esferas da sociedade. O entendimento das contribuições dessas mulheres na construção do samba é crucial para romper com a invisibilidade histórica e promover uma visão mais precisa e inclusiva da cultura brasileira. Ao integrar suas narrativas nos currículos escolares, especialmente através da Lei nº. 10.639/2003 e 11.645/2008, e ao fomentar a educação antirracista, estamos construindo pontes para uma sociedade mais consciente, igualitária e enraizada em suas raízes culturais. Dona Ivone Lara e sua melodia *Sorriso Negro* são testemunhas dessa luta contínua por reconhecimento, representatividade e justiça social, lembrando-nos de que a cultura é um poderoso instrumento de transformação social.

Referência

Barbosa, Lana. Yvonne Lara: Enfermeira brasileira. **Revista Enfermagem**, v. 31, n. 1, e72318, 2023.

Bairros, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994. **Afro-Ásia**, n. 23, 1999.

Brandão, Leci. Nosso samba é raiz, é pagode, é resistência. *In*: Fuatino, Carmem, Freitas Maitê & Vaz, Patrícia (Orgas). **Sambas e Dissembras**. São Paulo: Polén, 2018.

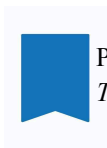
Braz, Marcelo. O samba entre a “questão social” e a questão cultural no Brasil. *In*: Braz, Marcelo (Org.). **Samba, cultura e sociedade**. São Paulo, Expressão Popular, 2013. p. 75-94.

Burns, Mila. **Nasci para sonhar e cantar: Dona Ivone Lara, a mulher no samba**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

Burns, Mila. **Nasci para sonhar e cantar: gênero, projeto e mediação na trajetória de Dona Ivone Lara**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2006.

Carneiro, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

Evaristo, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: Schneider, Liane & Moreira, Nadilza Martins de Barros (Orga.) **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.



Freire, Simone. **A história do grupo feminino pioneiro do pagode 90 em SP**. São Paulo: Alma Preta, 2019.

Gramsci, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Kilomba, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

Lima, Elizabeth Maria Freire Araújo. Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em terapia ocupacional. In Silva, Carla Regina (Ed.), **Atividades humanas & terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. São Paulo: HUCITEC, 2019. p. 97-127.

Lima, Fátima Costa de. O samba não se aprende na escola: considerações sobre a invisibilidade das artes afrobrasileiras nas instituições educacionais. **Projeto pedagógico escolar: docência e avaliação na perspectiva da inclusão**, n. 3/4, p. 87-102. 2002.

Macedo, Gisele. **A força feminina no samba**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, 2007.

Munanga, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, p. 20-31. 2015.

Napolitano, Marcos. **História & Música: história cultural da música popular**. 3ª Ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Nascimento, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

Paranhos, Tais. **Dona Ivone Lara: muito além do samba**, 2018. Taís Paranhos - Jornalista e professora Recuperado em 16 de junho de 2020.

Ribeiro, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento; Justificando, 2017.

Ribeiro, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Santos, Katia. **Dona Ivone Lara: voz e corpo da síncopa do samba**. Tese (Doutorado), Geórgia: University of Geórgia, 2005.

Scheffer, Graziela. Serviço Social e Dona Ivone Lara: O lado negro e laico da nossa história profissional. **Serviço Social & Sociedade**, n. 127, p. 476-495. 2016.

Silva, Jose Otavio Motta Pompeu. **A arte na terapêutica ocupacional de Nise da Silveira**. Tese (Doutorado em Artes), Campinas: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2011.



Priscila Lourenço Soares Santos

Trajatória de Dona Ivone Lara: entre a saúde mental e o samba - uma análise da música Sorriso Negro

Silva, Maria Verônica. Dona Ivone Lara: o amor negro no feminino. Palimpsesto - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 21, n. 38, p. 310–324, 2022.

Soares, Léa Beatriz Teixeira. **Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?** Retrospectiva histórica da profissão no Estado brasileiro de 1950 a 1980. São Paulo: Hucitec. 1991.

Trotta, Felipe da Costa. **O samba e o mercado de música nos anos 1990**. Tese (Doutorado em Comunicação), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2006.

Trouillot, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Trad. Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

Submetido em: 27 de janeiro de 2024

Avaliado em: 26 de fevereiro de 2024

Aceito em: 31 de março de 2024